

Os últimos manuscritos de Onetti e Cuando ya no importe

Liliana Reales / Universidade Federal de Santa Catarina

Dos últimos textos escritos pelo uruguaio Juan Carlos Onetti saíra, um ano antes de sua morte, aquele que se considera o seu último livro, *Cuando ya no importe*, publicado em 1993 pela editora espanhola Alfaguara. Depois de um minucioso trabalho de cotejo entre o livro publicado por Alfaguara, e mais tarde pela editora Galaxia Gutemberg, e os manuscritos que se guardam na Biblioteca Nacional de Montevideu como sendo os pertencentes a *Cuando ya no importe*, percebemos que vários papéis que formam esse *corpus* fragmentário se conservam aparentemente inéditos, não tendo formado parte do mencionado livro, em suas duas edições. Supõe-se, a partir das pesquisas de Daniel Balderston, que Onetti talvez não tenha participado da organização desses últimos papéis por ele escritos e que foram selecionados para compor *Cuando ya no importe*, cabendo essa tarefa a pessoas de sua família e outras não identificadas. A partir destas constatações, a nossa pesquisa pretende observar as mudanças entre os manuscritos, os textos datilografados e os publicados, assim como também descrever os manuscritos não incluídos. Para tais objetivos, a equipe de pesquisadores procedeu à digitalização dos manuscritos e à transcrição diplomática dos mesmos.

Este trabalho se iniciou a partir de minha visita à Biblioteca Nacional de Montevideu em 2010, quando revisei o Arquivo Onetti doado pela sua viúva, Dorotea Muhr, em 2007. Dado o difícil estabelecimento do texto de *Cuando ya no importe*, com todas as vicissitudes e meandros descritos e comentados pela primeira vez por Daniel Balderston, e levada por uma grande curiosidade, os primeiros papéis do Arquivo Onetti que revisei foram os que se guardam como sendo os desse último livro publicado, quando Onetti ainda era vivo. Logo percebi textos guardados nessa pasta que não faziam parte da edição de Alfaguara, mas que, no entanto, compunham a pasta de *Cuando ya no importe*. Nessa mesma oportunidade, a Biblioteca Nacional doou ao Núcleo Juan Carlos Onetti que coordeno uma versão digital dos manuscritos que compõem o Arquivo Onetti, o que me deu a possibilidade de iniciar o trabalho que aqui apresentamos.

Devido a uma série de outras demandas, este trabalho com os manuscritos somente pode começar em 2012, portanto se trata de uma pesquisa incipiente. Convidei para participar no projeto a Juan Manuel Terenzi cujo mestrado é sobre Onetti, também a doutoranda Inês Skrepetz, estudiosa de Martín Kohan, o mestrando Mauro Caponi, estudioso de Antonio Di Benedetto e a monitora Mariana Stasi, que inicia seus estudos sobre Sergio Chejfec. Os procedimentos seguidos para chegarmos ao cotejo dos manuscritos com os textos publicados são descritos pela minha equipe em “Relatório sobre os manuscritos de *Cuando ya no importe* de Juan Carlos Onetti”, publicado nesta edição. Desejo, por enquanto, apenas comentar que na pasta que guarda os manuscritos de *Cuando ya no importe* se encontram: manuscritos que foram publicados no livro; manuscritos que mesmo fazendo parte da história narrada no livro não foram incluídos no mesmo; folhas datilografadas para compor o livro publicado; manuscritos que não fazem parte da história narrada no livro; manuscritos publicados em edições que nada têm a ver com o livro e manuscritos aparentemente inéditos.

Vou me deter brevemente em algumas considerações sobre o estabelecimento e fixação dos textos que fazem parte de *Cuando ya no importe*. É sabido que Daniel Balderston foi o

primeiro a descrever e tecer conjeturas acerca dos textos que compõem o livro. Por ele sabemos que a sua organização e apresentação textual do modo em que chegou ao público deveu-se à intervenção de sua mulher, Dorotea Muhr, de seu filho, Jorge Onetti, de sua nora, Adriana, e de alguma outra instância não especificada, supostamente a editora que o publicou ou a agência literária que negocia seus direitos autorais. Segundo Balderston, Onetti teria entregado às mãos da família – com as palavras “*hagan lo que quieran*” – a organização dos apontamentos dispersos em agendas, cadernos e folhas soltas que formam o *corpus* publicado em 1993 por Alfaguara. Essas informações fazem parte do artigo intitulado “Hagan lo que quieran: en torno de *Cuando ya no importe*”, publicado pela primeira vez aqui no Brasil, na revista *Fragmentos* (2003) e que mais tarde fará parte da edição crítica das novelas de Onetti da coleção Arquivos, publicada pela Editora Alción.

Também, algumas dessas informações me foram oferecidas pessoalmente por Dorotea Muhr, em dezembro de 2001. Vale a pena nos determos no artigo de Balderston, pelos dados que traz, que contribuem especialmente para o que me interessa expor aqui. Seu trabalho consiste, segundo as suas próprias palavras, em tentar “[...] *explicar la compleja relación que existe entre la versión publicada y los manuscritos.*”¹ De fato, a sua investigação mostra uma parte importante dessa complexa relação e oferece um precioso material a partir do qual se podem tecer algumas considerações.

Revisando os manuscritos, é possível afirmar que aqueles que deram origem à versão publicada consistem numa série de apontamentos fragmentados que Onetti nunca chegou a organizar para sua publicação em livro e nem sequer a decidir sobre o formato de *diário*, tal como são apresentados na versão de Alfaguara. Esta veio a público em março de 1993, com o escritor ainda vivo, porém muito doente (lembramos que Onetti morreu quatorze meses mais tarde, 30 de maio de 1994). Tais apontamentos consistem em: 45 folhas soltas, seis cadernos e três calendários, um de 1984, e os outros de 1991 e 1992. Segundo Balderston:

*[...] es difícil restablecer el orden en que se utilizaron estos distintos bloques. Lo que sí se puede afirmar, sin mucho lugar a dudas, es que lo escrito en lo que he denominado ‘calendario principal’ [de 1991] y el siguiente, el ‘otro calendario’, de 1992, es posterior a la mayor parte de lo escrito en hojas sueltas y cuadernos, y probablemente posterior también a lo escrito en el calendario verde de 1984.*²

Devemos lembrar que *Cuando ya no importe* foi organizado em forma de diário e cada anotação está datada no cabeçalho. Para quem desconhece as condições em que este livro singular veio a público, resultará um tanto curioso o fato das datas não registrarem o ano, apenas o dia e o mês e estas corresponderem a alguns poucos dias de alguns meses, sem menção aos períodos (às vezes longos) em que não houve apontamentos. Pois, pulam-se vários meses, por exemplo, pula-se de um 3 de janeiro a um 10 de outubro; de novembro, pula-se a março; de maio a dezembro e logo a maio etc., até completar-se um período de nove anos. Aparentemente, Onetti não teria datado *nenhum* apontamento, pois os registrados nas *folhas soltas*, assim como os dos cadernos não foram datados e os dos calendários ou agendas, ao serem escritos neles, estão, como é óbvio, precedidos por datas. A datação ficou por conta de *alguém* que é impossível afirmar quem seria. As anotações em agendas tampouco seguem, na versão publicada, as datas impressas nas folhas em que foram escritas. Ou seja, é fácil acreditar que a organização e a datação dos apontamentos foram decididas por outra mão que não a de Onetti.

¹ BALDERSTON, D. “Hagan lo que quieran”: en torno a los manuscritos de *Cuando ya no importe*. In: REALES, L.; COSTA, W. C. (orgs.). *Fragmentos – Juan Carlos Onetti*, n. 20. Florianópolis/ jan – jun/ 2001: Ed. UFSC, 2003, p. 104.

² *Ibidem*, p. 106.

Balderston chega a se perguntar por que, por exemplo, “*Las hojas del 14 al 19 de agosto [do calendario principal] pasan a ser las páginas 19 y 20 de la versión de Alfaguara, y las del 19 y 20 de agosto que las siguen pasan a ser la página siguiente, la 21.*”³ As páginas 19 e 20 da versão citada correspondem à datação de 7 de abril e as páginas 19 e 20 de agosto do calendário correspondem a 10 de abril. “*Difícil de saberlo, y, a la luz de mi lectura de los manuscritos, a veces difícil de justificarlo, ya que hay secuencias que son más coherentes en los manuscritos que en el libro publicado.*”⁴

³ *Ibidem*, p. 107.

⁴ *Ibidem*.

Haveria certa organização dos apontamentos que seguira a ordem das páginas numeradas dos cadernos e das páginas não numeradas, porém datadas, das agendas. Supomos que os cadernos teriam sido escritos antes das agendas, porém, ao serem em número de seis, não se sabe a ordem em que estes foram escritos. Também, existem 45 *folhas soltas*, as que, conta Dorotea Muhr, um dia teriam caído ao chão, segundo se relata no próprio texto publicado, nas palavras do personagem narrador, Carr:

*Hoy recuerdo que durante mi exilio en mi santa helena personal estos apuntes resbalaron y cayeron al suelo entreverándose. Los junté como pude y nunca traté de ordenarlos. Para hacerlo hubiera sido indispensable mirar fechas y sucesos: una tarea imposible para mí. Leer lo apuntado me resultaba no sólo desagradable sino también repugnante.*⁵

⁵ *Ibidem*, p. 162.

Balderston afirma que a mulher de Onetti lhe garantiu que:

*[...] esto sucedió de verdad, y encontramos entre los papeles correspondientes a Cuando ya no importe varias docenas de hojas arrancadas a cuadernos, en un desorden total, algunas formando un aparente borrador de un texto que escribí a la hora del Premio Cervantes (pero que no se leyó allí), otras relacionadas con la novela, otras de difícil identificación.*⁶

⁶ *Ibidem*, p. 107.

Balderston afirma, apoiado no relato de Dorotea Muhr, que Onetti começou a escrever nos calendários “[...] cuando el material manuscrito de hojas sueltas y cuadernos se cayó de la cama al suelo y se perdió para siempre una noción precisa del orden que se aspiraba darle.”⁷ Interrogado Onetti pela sua mulher e seu filho sobre como ordenar os papéis, este teria lhes respondido: “*Hagan lo que quieran.*”⁸

⁷ *Ibidem*.

⁸ *Ibidem*, p. 104.

É impossível afirmar categoricamente quem, exatamente, fez o que quis com o material para dispô-lo para sua publicação. Mas as palavras de Balderston insinuam algum grau de solução ao enigma:

*Los calendarios, por estar encuadrados, y por llevar el orden visible de las fechas, parecían asegurar la secuencia; sin embargo, por los hábitos de composición de Onetti, o por decisión de los responsables de aprovechar los manuscritos para la copia mecanografiada en computadora que sirvió de base a la edición de Alfaguara, dicho orden ha sido alterado de modo a veces brillante, a veces difícil de entender (grifos meus).*⁹

⁹ *Ibidem*, p. 106.

O que resulta difícil de compreender é, antes de mais nada, que se pense que os “hábitos de composição” de um escritor possam autorizar *alguém que não se especifica* a decidir o ordenamento de um texto por ele escrito; ou, então, que por “decisão dos responsáveis da cópia”, que tampouco se identificam, venhamos a ler um texto publicado em livro cuja organização, como tal, foi de responsabilidade de alguém que não assume essa responsabilidade. De fato, na versão de Alfaguara não há nenhuma indicação sobre quem teria sido o responsável de

sua organização textual e se pesquisadores como Daniel Balderston não se empenhassem em investigar as peripécias genéticas que o texto que conhecemos seguiu, talvez esse fato teria demorado mais tempo em vir à luz.

Aqueles que prepararam a versão digitada não respeitaram as datas das páginas das agendas. Continuamos sem saber exatamente quem eles foram e Balderston assume sua dúvida em relação a se Onetti teria ou não pensado em lhe dar o formato de *diário* ao que escreveu.

Resulta extremamente estranho que a estas alturas da história editorial, adquirimos um livro que traz a assinatura de um escritor famoso e, logo, venhamos a saber que o que nele se lê é resultado de uma série de interferências anônimas no manuscrito desse escritor. Pois, mesmo que este tivesse delegado a terceiros a disposição e ordenamento dos seus textos, a versão deveria indicar esse fato já que tal procedimento parece ter interferido diretamente no resultado final no que diz respeito à sequência e até a qual gênero se refere. Se em épocas anteriores à atual normatização do tratamento editorial dado ao livro esse tipo de omissões era comum, hoje é inadmissível. *Nada* autoriza a não inclusão do nome do(s) organizador(es) do texto ou das instâncias que decidiram seu formato.

Essas intervenções podem acarretar questões como a decisão do gênero de um texto. Pesquisadores que desconhecem as vicissitudes pelas quais passou o estabelecimento do texto para a publicação do livro se referem a ele como *diário* devido à datação dos fragmentos que o compõem. Pelos manuscritos sabemos que essa datação não nasceu da mão de Onetti. No entanto, há um tratamento do texto por parte do autor que sugere uma referência ao diário de viagem, ao diário de um viajante estrangeiro que chega a um território estranho. Ao revisar os manuscritos encontramos uma referência a Sebastiano Caboto, chamado também Sebastián Gaboto ou Cabot. Onetti escreve Cabot. Caboto, conhecido pelas suas viagens de exploração americanas, perdeu seus diários de viagens provavelmente na mesma expedição em que ele perdeu a sua vida. No decorrer da escrita, Fernando Cabot passa a se chamar Juan Carr, nome que aparece no livro publicado.

A organização de um texto a partir dos manuscritos ou originais constitui uma parte importante do processo textual; o modo em que um texto é disposto, seus títulos e epígrafes, seus capítulos titulados ou numerados, ou não, suas dedicatórias, prefácios e posfácios, sua divisão em parágrafos, até suas vírgulas e seus espaçamentos, constituem uma parte tão importante da *obra* quanto todas as palavras que foram escritas. A organização do material escrito pode decidir seu gênero em sentido talvez diferente daquele que o escritor teria lhe dado se fosse ele a organizá-lo. Por tudo isto, poderia se dizer que se há *obra*, esta consiste em todo o processo que envolve a escrita e a sua configuração em um determinado suporte; que textos não organizados por aqueles que os escreveram são produtos de uma ação conjunta com outros a cuja identificação muitas vezes não temos acesso, mas cuja ação não podemos ignorar. Neste caso extremo, somos obrigados a nos perguntar qual seria o alcance da *obra* de um autor? Onde esta termina? E, afinal, *quem* é o autor de uma *obra* escrita por alguém, no entanto organizada por outro e, ainda, com uma orientação de gênero que esse escritor talvez não tivesse lhe dado? E a resposta será tão complexa quanto a que pretende responder a pergunta: O que é um autor?

Este significativo episódio acerca de *Cuando ya no importe* (título que, a estas alturas, não sabemos se foi Onetti quem deu), ilustra certa relação *terminal* do escritor com o texto e, apesar de não termos notícias de outras relações semelhantes e de ser esta consequência de circunstâncias de prostração e doença, a interpreto como ato derradeiro de uma conduta que, apesar das enormes diferenças, já se anunciara desde *La vida breve*. Essa conduta pode ser

rastreada e mapeada nos próprios textos de Onetti, sem a necessidade determinante de dados extratextuais e acreditando que sempre, antes de *Cuando ya no importe*, foi o próprio Onetti quem dispôs a organização de seus textos para publicação. O que quero dizer é que se “quando já nada mais lhe importava”, Onetti teria entregado a terceiros essa tarefa, quando ainda lhe importava decidir pessoalmente sobre a disposição de seus escritos também pode ser lida uma descrença em relação à possibilidade de detenção do direito de *propriedade* sobre um produto artístico-intelectual destinado, obviamente, a uma circulação cujo percurso escapa, em última instância – e sempre –, a qualquer desejo de controle de quem o escreveu. Assim pode ser lido um certo “*soy lo que quieran*” e “*hagan lo que quieran*” com o que lhes apresento, com o que leva a assinatura “Juan Carlos Onetti”. Ou seja, a relação nome próprio, assinatura e nome de autor parece ser resultado de uma consciência que dispensa qualquer ingenuidade; que prevê na própria constituição textual o destino daquilo que, necessariamente, é feito para ser compartilhado; que nessa partilha entram em jogo uma série de interesses das partes envolvidas e que nada têm de inocente.

Referências bibliográficas

- BALDERSTON, Daniel. “Hagan lo que quieran”: en torno a los manuscritos de *Cuando ya no importe*. In: REALES, L.; COSTA, W. C. (orgs.). *Fragmentos – Juan Carlos Onetti*, n. 20. Florianópolis/ jan – jun/ 2001: Ed. UFSC, 2003, s.p.
- ONETTI, Juan Carlos. *Cuando ya no importe*. Madrid: Alfaguara, 1993.